

Paixão e fragilidade

JORGE PALINHOS

Luísa Marinho e Mário Moutinho, *O teatro semiprofissional no Porto – Arte, ativismo e experimentalismo nos anos 70 e 80*, Porto, Edições Afrontamento, 2019, 205 pp.



Uma história: no Natal de 1989, a companhia Realejo, dirigida por Victor Valente, está sediada na Rua dos Mercadores, no Porto, e procura autofinanciar-se com sessões regulares de café-teatro, envolvendo membros da companhia e convidados. Este espetáculo, *Nó Cego*, que uma espectadora descreve como o «Cabaret Voltaire» à portuguesa, tem boa adesão do público, até ao dia em que uma chuva intensa derriba um muro nas traseiras da sede da companhia, inutilizando o espaço e acabando com o percurso da companhia.

Outra: João Paulo Seara Cardoso, funcionário do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, dedica parte do seu trabalho a visitar os últimos titereiros de feira portugueses, guardiões do último teatro genuinamente popular, recolhendo materiais, técnicas e histórias de uma prática artística que se extinguiu com o fim do mundo rural português. A sua recolha é guardada numa sala do FAOJ, mas, quando este instituto é extinto e substituído pelo Instituto Português da Juventude, a coleção é deixada ao abandono, acabando por se perder de vez.

Uma terceira: Faúlha é uma companhia teatral fundada em 1973, por Antero Afonso, na zona de Canidelo, em Gaia, e oferece formação e espetáculos gratuitos para a população local, investindo em teatro para a infância. Procurando alguma estabilidade, o grupo informal constituiu-se como cooperativa. Mas, segundo Antero Afonso, os membros do grupo queriam a liberdade do palco e não dedicar o tempo a atas de reuniões e relatórios de conselho fiscal. Perante o peso da burocracia, o grupo acaba por se dissolver ao fim de dez anos.

Estas são apenas três histórias, emblemáticas, daquilo que aborda este livro de Luísa Marinho e Mário Moutinho: o território difuso e incerto de um teatro em potência. Com a expressão «teatro semiprofissional», os autores procuram resgatar a memória de vários grupos que se desenvolveram no Porto entre os anos 70 e 80, que existiam no limbo entre o teatro amador e o potencial da profissionalização, com os seus

membros divididos entre a paixão do que faziam e a insegurança como o faziam.

Com este tema específico, o livro pretende em parte complementar o artigo de Paulo Eduardo Carvalho de 1997, «Brevíssimo Historial do Teatro no Porto no Século XX», onde se mapeava a evolução do teatro profissional daquela cidade entre os anos 70 e 90, e os artigos de Eugénia Vasques sobre o teatro português depois do 25 de Abril e nos anos 90.

A obra, ilustrada com fotografias de cena, cartazes e elementos cenográficos, divide-se em três grandes capítulos: um sobre o teatro no Porto antes do 25 de Abril; outro sobre a evolução do teatro entre o 25 de Abril e as companhias profissionais surgidas nos anos 90, vindas das principais escolas de teatro surgidas na região (a Escola Superior Artística do Porto, o Balletatro, a Academia Contemporânea do Espetáculo e a Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo); o terceiro capítulo faz uma resenha biográfica de alguns destes grupos semiprofissionais: Faúlha, Teatro 5, Teatro Ensaio de Gaia, Teatro Amador de Intervenção, O Realejo, Teatro d'Água Acesa, Roda Viva, Banzé, Art'Imagem e Caixa de Pandora. O conteúdo é complementado por um prefácio da antiga vereadora da cultura Manuela de Melo, e um posfácio do crítico Jorge Loureiro Figueira.

Esta é uma obra de inegável importância pela fixação da memória de uma parte importante do teatro do Porto e de Portugal, potenciada pela identificação rigorosa das fontes e o recurso a entrevistas de testemunhas da época.

Todavia, a obra opta por se cingir a factos, datas, espetáculos e nomes, numa posição de aparente neutralidade jornalística. Quase não existe uma contextualização histórica, que dê conta de que estas companhias viveram num período de grande turbulência social, política e artística, e a avaliação crítica é dada quase exclusivamente com base em citações de textos da época de outros autores, como Paulo Eduardo Carvalho, Carlos Porto, Jorge Listopad ou Maria Helena Seródio. É como se os autores do livro não tivessem uma posição afetiva ou crítica sobre as companhias e espetáculos abordados, apesar de um deles, Mário Moutinho, ter sido testemunha ativa da época e do movimento, nomeadamente pela sua participação no Teatro Amador de Intervenção.

Esta posição de objetividade, se por um lado dá o palco aos acontecimentos e protagonistas, por outro torna o texto árido na sua factualidade, exigindo um esforço interpretativo e contextualizador por parte do leitor e dificultando o que parece ser um dos propósitos do livro: defender o valor daquele movimento teatral.

Esse valor pode ser aferido pela profissionalização e persistência do Teatro Art'Imagem até aos nossos dias, pelo trabalho excepcional de João Paulo Seara Cardoso à frente do Teatro de Marionetas do Porto, pela continuação da estética do Roda Viva no curso de teatro da ESMAE, de que foram professores Francisco Beja, João Lóio e José Topa – antigos membros do grupo –, pelo percurso profissional de numerosos artistas que começaram a sua experiência teatral no movimento, e também por alguns objetos artísticos singulares de que o livro dá conta, como *Nó Cego*, que abriu caminho ao sucesso de *Um Cálice de Porto*, da Seiva Trupe, e de *Vai no Batalha*, do Teatro de Marionetas do Porto.

A visão panorâmica do livro dá ainda pistas de reflexão. Em primeiro lugar, a importância da educação como alicerce dos percursos artísticos, tendo sido cruciais, para esta geração, os ensinamentos de João Mota, Roberto Merino e dos cursos de formação da Seiva Trupe. Em segundo lugar, a facilidade de entrada na prática teatral, para o que basta o entusiasmo de um grupo, mas também a dificuldade de singrar, independentemente do mérito, pela escassez de apoios. Em terceiro lugar, a vitalidade do teatro como arte de grupo, que nasce da necessidade de comunicar através do encontro.

O panorama teatral português é mais amplo do que a maioria dos *media* e estudos académicos muitas vezes dá conta, e esta obra de Luísa Marinho e Mário Moutinho é um contributo fundamental para que parte desse panorama não se perca e possa, não só ser aprofundado no futuro, como também olhado, não com indiferença ou condescendência, mas com exigência.